

Dorminhocos

Sleepers

Dorminhocos, Pierre Verger - curadoria de Raphael Fonseca

CAIXA Cultural Rio de Janeiro, Rio de Janeiro

21.01 a 18.03.2018

Sesc Santo André, Santo André

12.03 a 16.06.2019

Sesc São José dos Campos, São José dos Campos

12.09 a 17.11.2019

Lindomberto Ferreira Alves*

 [0000-0001-7832-1734](https://orcid.org/0000-0001-7832-1734)

Em 15 de setembro de 2019, uma imagem (fig.1) chama atenção na matéria¹ de Renato Jakitas, publicada no portal do Estadão, sobre o dia a dia dos entregadores ciclistas de aplicativos na cidade de São Paulo. Nesta imagem, feita pelo fotojornalista Tiago Queiroz, têm-se dois rapazes entregadores, aparentemente dormindo no espaço público junto ao Monumento das Musas, na Avenida Faria Lima, da capital paulista. Visivelmente entregues à espera das demandas dos aplicativos, ambos utilizam a própria caixa de transporte como anteparo para se esconder da luz e, assim, aproveitar essa fissura no tempo de trabalho para descansar.

A fotografia não integra a exposição *Dorminhocos* (2018-2019), mas poderia, não fosse o fato do projeto curatorial de Raphael Fonseca² centrar-se

* artista visual, educador, pesquisador e curador independente. Mestrando em Teoria e História da Arte (PPGA/UFES)

PPGAV/EBA/UFRJ
Rio de Janeiro, Brasil
ISSN: 2448-3338
DOI: 10.37235/ae.n39.18

¹ Para acessar na íntegra a matéria “12h por dia, 7 dias por semana, R\$ 936: como é pedalar fazendo entregas por aplicativo”, acesse: <<https://www.estadao.com.br/infograficos/economia,12h-por-dia-7-dias-por-semana-r-936-como-e-pedalar-fazendo-entregas-por-aplicativo,1034668>>. Acesso em 24 out. 2019.

² Pesquisador nas áreas da curadoria, história da arte, crítica e educação. Curador do MAC Niterói e professor do Colégio Pedro II. Doutor em Crítica e História da Arte pela UERJ. Recebeu o Prêmio Marcantonio Vilaça de curadoria (2015) e o prêmio de curadoria do CCSP (2017). Entre seus projetos recentes, destaque para “Vaivém” (CCBB São Paulo, 2019); dentre outros. Integrante do comitê de seleção de artistas da 21a Bienal Vídeo Brasil (2019).

na exibição da seleção de 98 imagens da série homônima do antropólogo e fotógrafo franco-brasileiro Pierre Verger – que registram pessoas, ao redor do mundo, dormindo em locais públicos (fig.2). Por essa razão a fotografia não compõe a exposição; contudo, ela se apresenta como um importante dispositivo analítico sobre a atualidade e pertinência da mostra – cujos eixos gerais parecem convidar o público à reflexão sobre o modo como diferentes contextos sociais agenciam a equação entre as horas dedicadas ao ofício e as escassas possibilidades de fruição do tempo livre.

Antes de estabelecer residência em Salvador/BA e ficar amplamente conhecido por seus registros fotográficos e pelas obras escritas sobre as culturas afro-baianas e da diáspora africana, Verger também se debruçou, nos anos de 1930, 1940 e 1950, ao registro do cotidiano urbano e às relações aí instituídas entre trabalho, cansaço/descanso, espaço público e corpo humano, em diferentes regiões geográficas³ percorridas pelo fotógrafo.

Como a grande maioria das fotografias reunidas na mostra sequer foram reveladas por Verger, a exposição *Dorminhocos* – montada na CAIXA Cultural Rio de Janeiro-RJ (fig.3), em 2018, e remontada⁴ (fig.4), em 2019, no Sesc Santo Andre-SP e SESC São José dos Campos-SP – oportunizou o contato com outra faceta da obra de Verger, alinhada à constância formal do fotógrafo: os tons de preto e branco, o auxílio da luz solar no registro das imagens e a tendência à exploração imagética dos corpos. Entretanto, a obra não se resume a uma série atenta à espontaneidade dos modos como esses corpos se adaptavam às condições oferecidas nos espaços públicos para expurgar o cansaço, nem a um olhar que evidencia os modos como a cidade acolhe os corpos. Ainda trata de como é possível achar uma brecha para se descansar em meio às cidades.

³ Mais da metade das fotografias foram feitas no Brasil – na Bahia, Maranhão e Pernambuco. A outra parcela é composta por registros feitos em outros países como Polinésia Francesa, Japão, China, Índia, Tailândia, Congo, Laos, Camboja, Vietnã, Filipinas, México, Guatemala, Equador, Argentina, Peru e Bolívia.

⁴ Diferente da montagem no Rio de Janeiro-RJ, a remontagem da mostra nas cidades do interior paulista pôs em embate as diferentes as razões que teriam levado esses corpos a tombarem em locais públicos, ao dispor as fotografias em duas linhas contínuas e sobrepostas. Na parte superior os registros feitos na Bahia, de modo contínuo; e na parte inferior, as fotos que Verger tirou em outros lugares do Brasil e do mundo.



Fig. 1
*Bike boys descansam
no meio da tarde sob o
Monumento das Musas,
na Avenida Faria Lima.
São Paulo-SP.
Fotografia Tiago Queiroz.*

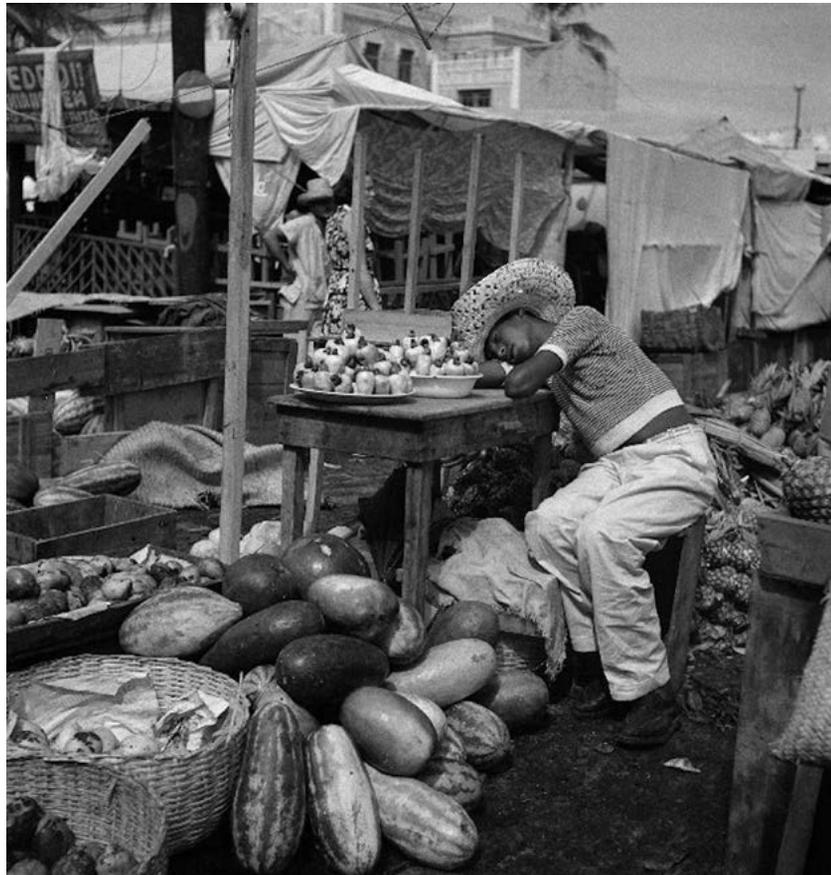


Fig. 2
Pierre Verger, *Série
Dorminhocos* – Festa
da Conceição, Salvador,
Brasil, 1958. Fotografia.
Foto: Acervo da Fundação
Pierre Verger.

São fotografias cujo olhar incita à reflexão sobre o ponto de insurgência dos efeitos que a extenuante rotina modernizadora – estabelecida pelos processos de expansão industrial e urbana, nas primeiras décadas do século XX – têm nos corpos, e que perduram até hoje. Um olhar afiado que, embora esteja voltado aos anônimos fatigados, ainda nos lembra de que não é qualquer corpo que ainda é submetido aos constrangimentos das tensões econômicas, raciais, sociais e urbanísticas. São – e continuam sendo, conforme a fotografia de Tiago Queiroz – corpos de trabalhadores, homens, negros e pobres, que parecem despencar sobre si, numa reação à estafa que o trabalho, em condição de limbo jurídico-laboral, gera no corpo e no nó apertado que assombra a necessidade de descanso.

A série silenciosamente traz à tona contrastes sobre questões culturalmente complexas e historicamente não resolvidas – a exemplo das correspondências entre classe, raça, gênero, mercado de trabalho e espaço público. Alude para as razões da insustentável manutenção de uma postura ativa dos corpos registrados, há quase um século, por Pierre Verger – pertinentes, inclusive, às discussões atuais dos trabalhadores brasileiros, ante a hiperconexão e a superaceleração do cotidiano no mundo contemporâneo. O intuito (e o acerto) do curador Raphael Fonseca com essa exposição não é o de reinscrever o passado para provar o que foi. Mas, sim, o de operar um deslocamento dessas imagens apontando para a sua contemporaneidade – a co-presença do próprio presente que elas inevitavelmente perscrutam. Assim, o público, em última instância, na decupagem desse olhar, tiraria suas conclusões a respeito da assertiva de que “[...] perante o excesso, o sono, e a recusa à verbalização seguem a ser uma postura instintiva e política”⁵.



Fig. 3
Vista da exposição
“Dorminhocos” (2018),
de Pierre Verger, na
CAIXA Cultural Rio
de Janeiro-RJ.
Foto: Arquivos Riotur-RJ

⁵ FONSECA, Raphael. Texto curatorial da exposição Dorminhocos, Pierre Verger. In: FONSECA, Raphael (org.). Catálogo da exposição Dorminhocos de Pierre Verger. Rio de Janeiro: Tisara, 2018. Para mais informações, acesse: <https://www.caixacultural.com.br/cadastrodownloads1/Catalogo_Exposicao_Dorminhocos_RJ.pdf>. Acesso em 24 out. 2019.



Fig. 4

A cima: Vista da exposição “Dorminhocos” (2019), de Pierre Verger, no Sesc Santo André-SP. Foto: Acervo do Sesc São Paulo. A baixo: Vista da exposição “Dorminhocos” (2019), de Pierre Verger, no Sesc São José dos Campos-SP. Fotografia Guilherme Cicerone.

Submetido em fevereiro de 2020 e aprovado em julho de 2020

Como citar:

ALVES Lindomberto Ferreira. Dorminhocos. *Arte e Ensaios*, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, vol. 26, n. 39, p. 259-265, jan./jun. 2020. ISSN-2448-3338. DOI: <https://doi.org/10.37235/ae.n39.18>. Disponível em: <<http://revistas.ufrj.br/index.php/ae>>